MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

Psicanálise e justiça social: tecem laços?

Psychoanalysis and Social Justice: Toward a Possible Articulation

Lelita O. Benoit[1]

Resumo: Como e por que a Psicanálise, enquanto saber teórico e prático-clínico, poderia se entrelaçar ao paradigma de uma suposta Utopia de Justiça social, é o questionamento que norteia o presente artigo. Aparentemente parte significativa do movimento psicanalítico demonstrou ter se distanciado de tal inquietação. Com a finalidade de recolocá-la, uma vez ainda, no centro de necessárias reflexões, tomaremos como fio condutor deste artigo a fala proferida por Sigmund Freud, durante o V Congresso Internacional de Psicanálise, em 1918.

Palavras-chave: Psicanálise e Justiça social; Sigmund Freud; Clínica psicanalítica; Clínicas Públicas de Psicanálise.

Abstract: How and why Psychoanalysis, as a theoretical and practical-clinical knowledge, could intertwine with the paradigm of an alleged Utopia of Social Justice, is the questioning that guides the present article. Apparently, a significant part of the psychoanalytic movement has shown itself to have distanced itself from such a concern. With the purpose of re-centering it, once again, in necessary reflections, we will take as the guiding thread of this article the speech delivered by Sigmund Freud during the V International Psychoanalytical Congress in 1918

Keywords: Psychoanalysis and Social Justice; Sigmund Freud; Psychoanalytic Clinic; Public Psychoanalysis Clinics in Brazil.

1 Psicanalista, escritora e professora de Filosofia da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Mestre e Doutora em Filosofia (USP), foi pesquisadora-convidada pela Equipe RESHEIS-CNRS/ Université Paris VII - Denis-Diderot (França). Entre outros escritos, incluem-se romance e poesia pela editora Iluminuras e filosofia política com *Sociologia comteana: gênese e devir* (São Paulo: Discurso Editoral/FAPESP, 1999), indicado ao prêmio Jabuti (2000), publicado na França como *Sociologie comtienne:* genèse *et devenir*.Tradução Lygia Watanabe com prefácio de Marilena Chauí. Paris: L'Harmattan, 2007.

> [...] um grupo *é* claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?
>
> Sigmund Freud, *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921)

Τόπος[2]

O propósito do atual *topos* – ou do lugar no qual enraízo a minha escrita – é o de narrar o desejo da procura e ainda de outros – delirantes? – desdobramentos almejados por mim, ou por outros – coletivamente. Por isso, enlaçado ao "nós" (pronome plural do caso reto), me reporto, de modo enviesado, ao "Mais-Um" lacaniano, o qual difere deste atual "nós" (coletivo), talvez porque esse último pode *vir-a-ser*, desde que alcance a muitos outros, além da "justa medida".[3] Seria o caso? Veremos.

Raízes do princípio originário

"Utopia" (o *não-lugar*) é o paradigma.[4] O sonhado não-lugar poderia ser o *modelo* ou *ideal* ainda a despontar no futuro, distante talvez dos mares encrespados e trágicos do presente histórico? Especifiquemos a questão aqui posta. Como e por que a Psicanálise, enquanto saber teórico e prático-clínico, poderia coadunar-se com o paradigma Utopia de Justiça social, ideal talvez distanciado do nosso horizonte? A Psicanálise e sua clínica se enlaçariam à tal visão de mundo filosófica [*philosophischen Weltanschauunng*, aqui recuperando expressão cara a Karl Marx] e com tal ponto de vista tão abrangente? Eis os questionamentos que movem agora este desejo pautado pelo "nós" coletivo.

Acrescentemos algo mais. O "nós" desejante é amplo, pois abarca um sem fim de trabalhos humanos, gama múltipla e inabrangível daqueles que, de um modo ou outro, permanecem em estado de (quase) *exclusão*. Foram e são silenciados desde sempre. Enfim: os fora-do-consultório todos – quem sabe ao certo? – talvez almejem fazer parte, ou protagonizar, em algum sentido, da continuidade e do futuro da Psicanálise e de sua clínica.

2 Τόπος (*topos*) vocábulo do grego antigo que, entre outros sentidos, traduz-se por: lugar, terreno, localidade, território, país, matéria do discurso, fundamentos do raciocínio – ou simplesmente, *o lugar do qual se inicia esta minha escrita*.

3 Em "Ato de fundação", escreve Lacan: "Para execução do trabalho [de formação, no campo aberto por Freud], adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada em um pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS-UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um" (Lacan, 2003, p. 235).

4 Cf. Em sua acepção filosófica originária e em grego clássico, no diálogo *O Sofista* de Platão, o *paradeigma* (paradigma) escolhido é o da *pesca por anzol*. Em *O Sofista*, propõe o Estrangeiro a Teeteto: "Concordas, pois, que investiguemos um assunto simples qualquer, procurando nele encontrar um modelo [*paradeigma*] para nosso tema grandioso? [...] O *pescador com anzol*, por exemplo, não te parece um assunto conhecido de todos e que não exige atenção demasiada? [...] Tomando-o por modelo (*paradeigma*), procuraremos determinar de igual modo, para o caso do sofista, o que ele poderá ser" (cf. Platão. *O sofista*. In: *Platão*. Coleção "Os Pensadores" III. Tradução J. Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 139-143, grifos nossos.)

Uma ressalva e outra indagação. Os hoje fora-do-consultório tiveram alguma *identificação* com o elitismo e os privilégios burgueses de parte dos psicanalistas, revelada pela história – *oficial* – da Psicanálise, gravada em inumeráveis tratados, desde seu princípio? Parece ser bem outra a identificação almejada. Pois o movimento psicanalítico – o *oficial*, ressalte-se sempre – aparenta *ter varrido para debaixo dos divãs* essa questão não-solucionada. Ou nas palavras certeiras do psicanalista Jorge Broide: o que configurou o movimento dessa talvez resistência "foi apagado", porém "não sufocado" (2005, p. xv).

Aprofundemo-nos em tal história, em certo sentido, *recalcada* (Laplanche; Pontalis, 1998, p. 430-434). Talvez nos seja oferecido o fio condutor que almejamos. E que vivamente nos aproxime de possíveis laços da Psicanálise com a Justiça social, apontando para o acolhimento dos fora-do-consultório todos, em uma espécie de universal pleno de individualidades. Não nos importa que seja uma simples ou mera introdução a que apresentaremos, em corpo a corpo com a imensa complexidade do nó dificultoso a ser desfeito – aquele do pré- conceito sem fundamento. Raiz do seu princípio originário, enfim. Adentremos, então.

Raízes sem adereços

Poucos meses antes do término da Primeira Grande Guerra Mundial, quando as "neuroses de guerra" já eram identificadas e acolhidas nos *raríssimos* consultórios de psicanalistas, ao mesmo tempo que a pobreza se alastrava nos países europeus como fogo furioso na palha seca, quando eram parcos os ganhos materiais dos trabalhadores e trabalhadoras, quando a educação infantil e de jovens das classes populares falhava nos seus propósitos e objetivos inadiáveis, quando a saúde dos corpos, destroçados durante a guerra e pela miséria material, suplicavam por cuidados redobrados e o sofrimento psíquico eram ignorado ou desprezado, em total desleixo, pela maior parte das instituições médicas e pelo Estado, foi durante tais tempos rudes e difíceis em seus múltiplos aspectos, ou mais exatamente em setembro de 1918, que Freud pronunciou conferência na qual se propunha colocar *em movimento* a clínica psicanalítica. Deixando à parte suas não raras improvisações, Freud tinha preparado por escrito sua fala e a leu durante o Vo. Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido na Academia de Ciências de Budapeste, na Hungria. O texto lido por Freud posteriormente ficou conhecido como Conferência de 1918.[5] Revistemo-la.

As palavras ditas então se colocavam como uma resposta firme e clara às durezas vivenciadas naqueles tempos, não ocultando certos inegáveis propósitos políticos. Sugere Freud que se amplie o alcance da clínica psicanalítica, em

5 Freud teria esboçou as principais ideias dessa conferência durante sua estadia de verão em Steinbruch, na Hungria. O texto completo foi lido, pelo próprio Freud, durante o Vo. Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido na Academia de Ciências de Budapeste, em presença de um grande número de psicanalistas e de representantes dos governos da Alemanha, Áustria e Hungria, entre 28 e 29 de setembro de 1918. Ora, a 1ª. Grande Guerra Mundial irá terminar oficialmente logo depois, em 11 de novembro do mesmo ano.

mais de um sentido, além do propriamente teórico-clínico também abordado na Conferência de 1918. Em tom claro e enfático, Freud manifesta o desejo de que a clínica psicanalítica se movimentasse em direção ao acolhimento da grande massa de pessoas, a massa dos excluídos, que até então permaneciam fora do seu alcance.[6]

Palavras *surpreendentes*, comentarão alguns, e pela simples razão de terem sido escolhidas por Sigmund Freud, com reconhecidas tendências politico-liberais.[7]

De qualquer modo, é possível imaginar que, nas diversas edições e traduções posteriores da obra freudiana, a Conferência de 1918 tenha permanecido às margens do interesse principal da formação psicanalítica e da sua difusão mais ampla, muito embora o caminho apontado, nos parágrafos finais da Conferência de 1918, fosse *inovador*, e talvez até hoje, guardando certa *originalidade* frente ao restante do *corpus* teórico e clínico freudiano.

Assim é que em "Caminhos da terapia psicanalítica" (1918) – tradução literal do título em alemão *Wege der psychoanalyschen Therapie* –, Freud nos conduz a um aprofundamento dos rumos *futuros* da clínica psicanalítica nas direções acima apontadas (Freud, 2016).

Porém, algum cuidado é necessário. De início, parece que Freud apenas se voltava aos desdobramentos futuros da prática clínica da Psicanálise, movimento deduzido de sua teoria *já consolidada*. Em outras palavras, parece que Freud tratava apenas de *reformar* o edifício psicanalítico em alguns detalhes, por mais importantes que fossem.[8] Reformá-lo tão somente propondo outras novas formas de tratamento dos doentes mentais, como neuróticos e fóbicos. Freud se sentia "[...] estimulado a rever o estado de nosso terapia, à qual, enfim, devemos a nossa posição na sociedade humana, para observar em que direções ela poderia se desenvolver" (Freud, 2016, p. 191).

Contudo, essas direções futuras não ficavam restritas tão somente ao campo da teoria psicanalítica, ou da sua simples *reforma*. Nos parágrafos mais avançados da Conferência de 1918, Freud proclama, em alto e bom tom, que algo de outra natureza estava ali sendo enunciado. Portanto, não se tratava apenas de alargar mais

6 "Terapia de massa" e "psicoterapia popular" são expressões empregadas por Elizabeth Roudinesco, ao se referir ao discurso de Freud, em 1918 (Roudinesco, 2016, p. 214-216).

7 Entre outros muitos outros, relembremos de Peter Gay que, mais tarde, irá escrever: "Era uma perspectiva generosa e, para o liberalismo tradicional de Freud, *surpreendente*" (Freud, 2012, p. 466, grifo nosso). Ou ainda, observa Elizabeth Danto: "Não sabemos se Anna [Freud] e Ernest [filho mais novo de Freud] se sentiram particularmente *incomodados* com o discurso do pai [Freud] em 1918 ou apenas *surpresos*; ambos, no entanto, se integrariam em breve na sua plataforma socialdemocrata. A política progressista, como a psicanálise, os impressionava como um elemento básico da vida" (Danto, 2005, p. 13).

8 Sobre a leitura que lança luz apenas e tão somente na direção das enunciações dos movimentos futuros da clínica psicanalítica deduzidas da teoria já consolidada, pode-se consultar, por exemplo, o artigo do psicanalista Daniel Kupermann, "Via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica". In: Cadernos de *Psicanálise* (*CPRJ*), Rio de Janeiro, ano. 32, n. 23, p. 31-45.

do mesmo com relação à clínica psicanalítica, pois ali elaborava outro aspecto, o "quantitativo". "Contra o excesso de sofrimento neurótico que existe no mundo e que talvez não tenha que existir" – disse então Freud – "aquilo que conseguimos eliminar desse sofrimento é praticamente irrelevante em termos *quantitativos*." E lamenta-se quanto à realidade clínica naqueles tempos sombrios: "Além disso, devido às condições de nossa existência, estamos limitados às camadas abastadas da sociedade [...]. Para as amplas camadas da população que sofrem muito profundamente com as neuroses, por *ora nada podemos fazer*" (Freud, 2010, p. 201, grifo nosso).

Introduzia Freud, ao que tudo indica, outro feixe de questões psíquicas, ressalvando-se que não chegou a tais soluções relativas à ampliação do modo de atendimento da clínica psicanalítica que, como propunha, deveria acolher *amplas camadas da população*. Tal modo de atendimento ampliado será tarefa delegada *ao futuro*, como ainda pontuaremos no presente texto.

Breve enclave

Não custa repetir e repetir sempre enunciações que afloravam, aqui e ali, nos escritos e em falas improvisadas de Freud. Incansavelmente afastava-se da crença no *imutável*, algo como uma *fórmula* ou *receita*, algo dado para sempre no campo da Psicanálise, tanto teórica quanto clínica – aliás, rigidez bem mais apropriada ao ideário abstrato positivista (cf. Benoit, 1999).

Até mesmo na Conferência de 1918, tal afastamento consciente aflora. Em palavras de Freud, lemos que: "[...] um nome é apenas uma etiqueta, adequada para diferenciá-la de outras coisas semelhantes; não é um programa, nem um sumário, nem uma definição. E uma comparação precisa tangenciar aquilo que é comparado apenas em ponto, e em todos os outros pode se distanciar bastante daquilo". E outra vez desfazendo ilusões positivistas, completa: "O psíquico é algo tão especificamente único que nenhuma comparação individual poderá reproduzir a sua natureza" (Freud, 2016, p. 193-194).[9] Ou em comentário preciso de Iannini e Tavares: "Freud evitou a todo custo hipostasiar regras e procedimentos numa espécie de manual de protocolos ou de prescrições codificadas para o analista, o que certamente poria a perder o essencial da prática analítica, que é aberta à custa da singularidade" (Iannini; Tavares, 2019, p. 9).[10]

9 Tais reflexões seminais de Freud, serão relembradas por Jacques Lacan: "O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé. É assim que procede, na procura do sentido, um mestre budista, segundo a técnica zen. Cabe aos alunos, eles mesmos, procurar a resposta às suas próprias questões. O mestre não ensina *ex-cathedra* uma ciência já pronta, dá a resposta quando os alunos estão a ponto de encontrá-la. Essa forma de ensino é uma *recusa de todo sistema*. Descobre um pensamento *em movimento* – serve entretanto ao sistema, porque apresenta necessariamente uma face dogmática. O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente de dialética" (Lacan,1996, p. 9, grifos nossos).

10 Lembremos que Marx, tanto quanto Freud, nos oferece raros comentários sobre a questão da dialética, enquanto método de sua própria pesquisa (cf: Marx, 1983, p. 19-20)

Ancorado em tal princípio-raiz, portanto em constante abertura à revisão, o pensamento freudiano, distante dos manuais dogmáticos e avesso às fórmulas, inicia outra e inovadora fase, em nada delirante. Lemos na Conferência de 1918: "Os senhores sabem que nunca nos orgulharmos da completude e do fechamento do nosso saber e de nossas habilidades, estamos sempre dispostos, tanto antes quanto agora, a admitir a incompletude do nosso conhecimento, a aprender coisas novas". A clínica psicanalítica sempre disposta a "mudar [...] aquilo que pode ser substituído por *algo melhor*" (Freud, 2016,, p. 191).

Avançando ao princípio do *algo melhor*

Avancemos ainda. A Conferência de 1918 anuncia o inédito. É afirmativa tanto quanto propositiva, e tem inegável conteúdo inovador quanto ao futuro da Psicanálise, em seu *movimento* em direção ao *algo melhor*. "Gostaria [agora] de enfocar uma situação que *pertence ao futuro*, que para muitos dos senhores parecerá fantasiosa, mas que merece, creio eu, que nos preparemos para ela *em pensamento*" (Freud, 2016,, p. 200, grifos nossos). Portanto, o *não-lugar* – ou aquilo que e pertence *ao futuro* – existindo apenas *em logos*, *em pensamento*. Utopia psicanalítica?

Começa Freud fazendo dura constatação e apresentando triste realidade: "[...] devido às condições de nossa existência, estamos limitados [ao exercício de nossa clínica psicanalítica] às camadas abastadas e mais altas da sociedade, que costumam escolher, elas próprias, os seus médicos, e nessa escolha são desviadas de todos os preconceitos relativos à Psicanálise. *Para as amplas camadas da população que sofrem muito profundamente com as neuroses, por ora nada podemos fazer*" (Freud, 2016, p. 201, grifos nossos).

Freud deslocava assim as preocupações o pensamento psicanalítico para outra centralidade, a do sofrimento psíquico dos desprovidos de meios de troca na sociedade capitalista: os menos abastados. "Agora, suponhamos que" – prossegue, desenhando caminhos, ainda que apenas em *logos* – "através de alguma organização conseguíssemos multiplicar o nosso número [de psicanalistas], de modo que fôssemos suficientes para o tratamento [do sofrimento neurótico] de massas maiores de pessoas". Desenhando claramente objetivos a serem buscados, prossegue: "Então serão erguidas instituições ou institutos de formação (*Ordinationsinstitute*), onde trabalharão médicos de formação psicanalítica que, através da análise, manterão capazes, em face da resistência à produtividade (*Leistung*), homens – que do contrário se entregariam à bebida – , mulheres – que ameaçam sucumbir diante do peso das renúncias [instituais] – e crianças – que têm diante de si apenas a escolha entre a selvageria e a neurose" (Freud, 2016, p. 191).

Caso se concretizasse tal novo desenho da clínica psicanalítica, poderia ocorrer outra profunda modificação na "consciência da população": "[...] pode-se prever que, em algum momento, a consciência da população acordará e a alertará para o fato de que o pobre tem o mesmo direito à assistência anímica que ele já

tem agora à assistência cirúrgica, que salva vidas. E que as neuroses não são menos ameaçadoras à saúde da população que a tuberculose e que, assim como esta, não podem ser deixadas a cargo de cada pessoa do povo" (Freud, 2016, p. 201).

A quem caberia a sustentação e defesa do "direito à assistência anímica" para que esse se universalizasse? Tal direito humano universal deverá ser transformado em "dever" do poder público estatal, e sobretudo, deverá ter assegurada a sua *gratuidade*. "Estes tratamentos [de homens, mulheres, jovens e crianças da população pobre] serão *gratuitos*. Pode ser que leve muito tempo até que *o Estado perceba esses deveres* [*do tratamento psicanalítico gratuito*] *como sendo urgentes*. As condições atuais possivelmente ainda adiarão esse prazo, e é provável que a beneficência particular dará o primeiro passo com tais intuitos; *mas em algum momento isso necessariamente terá de acontecer*" (Freud, 2016, p. 201, grifos nossos).

Ressalta-se que Freud, tão profícuo em esquivar-se da formulação de qualquer compêndio de regras e procedimentos da técnica da prática-clínica da Psicanálise, ainda assim não se furtou de deduzir caminhos éticos, com desdobramentos sociais profundos e apelos políticos fortes. Foi assim que – em sua gênese – a Psicanálise fez laços – ainda que *em pensamento* e destinada ao tempo futuro – com a Justiça Social. Laço encoberto, recalcado talvez, de modo a preservar privilégios e manter intacta a deplorável fantasia elitista de inumeráveis psicanalistas. E de seus leitores mais rigorosos e lúcidos, nos chega a seguinte reflexão: "Outra coisa que salta imediatamente aos olhos do leitor contemporâneo é como questões de natureza técnica frequentemente se desdobram em reflexões de cunho ético. Em um e outro momento, é possível detectar desdobramentos políticos" (Iannini; Tavares, 2019, p. 9).

Ora, foi assim que, nos anos subsequentes, na década de 1920, as sonhadas "instituições ou institutos de formação (*Ordinationsinstitute*) dos psicanalistas", em palavras de Freud, e a oferta de tratamentos gratuitos se mostrarão como possíveis – portanto, não tinham sido apenas delírios proféticos de Freud! – e se tornarão realidade histórica na Viena Vermelha, como também na República de Weimar, e em cidades como Berlim, Leipzig, Frankfurt, Londres e outras mais, chegando aos Estados Unidos da América do Norte.

Se, de fato, a profecia freudiana começou a se realizar no formato de "beneficência particular", certos governos socialdemocratas europeus, dos anos 20 do século passado, transformariam as clínicas sociais e gratuitas de atendimento psicanalítico em *direito social e universal*. Acrescentando-se ainda que, de modo coletivo, nas mencionadas cidades europeias, alguns dos psicanalistas, da primeira e segunda gerações, se encarregaram de doar algumas horas do seu atendimento diário às clínicas sociais, formato este que irá perdurar até ascensão do nazismo, nos anos 30 do século XX.[11]

11 Todas essas informações históricas proveem, particularmente, da obra *As clínicas públicas de FREUD: psicanálise e justiça social – 1918-1938*, de autoria de Elizabeth Ann Danto (2005).

O saber psicanalítico e a sua clínica que almejam curar, ou ao menos atenuar, os males e sofrimentos da subjetividade estiveram e estão ainda destinados a (re) criar laços humanos – ou, a recriar o Eros freudiano – sendo a Justiça social o manto que os protege da voracidade e destruição mercadológica.[12]

O *algo melhor* e seu *habitat* contemporâneo

Avancemos ainda mais ao princípio, ao *algo melhor* elaborado e anunciado por Freud, em 1918. Em particular, nos parece, serem herdeiras do seu "olhar generoso", como já se comentou, as Clínicas Públicas de Psicanálise que veem se multiplicando em solo brasileiro, algumas delas oferecendo atendimento gratuito aos desprovidos de recursos financeiros. De uma longa lista, destacamos, em particular, a Clínica Aberta de Psicanálise, instalada na Casa do Povo, em São Paulo, e coordenada pelo psicanalista Tales Ab'Saber,[13] e ainda outras similares, tais como a Clínica Psicanalítica PerifAnalise,[14] no bairro periférico São Mateus em São Paulo.

Outros caminhos foram abertos e são trilhados, talvez não em linha reta e tendo como ponto de partida a Conferências de 1918, mas sim se iniciando por reflexões a respeito da múltipla potência transformadora que, desde Freud, está contida em estado de latência, ainda que seja, na teoria e prática clinica da Psicanálise, com os seus enlaçamentos com a Justiça social. Pontuaremos alguns outros.

O *algo melhor* se estendeu em direção à Psicopatologia e Psicodinâmica do trabalho, elaboradas e desenvolvidas em diversas das obras de Christophe Dejours, médico psiquiatra e psicanalista francês. A teoria e clínica dejouriana se apoiam em achados teóricos da Ergonomia, da Sociologia e, em particular, da Psicanálise – de S. Freud aos do próprio Dejours[15] e sobretudo aos do psicanalista Jean Laplanche,[16] do qual Dejours foi colaborador próximo. Tese central é sustentada por Dejours, ou seja: as patologias ou doenças mentais que ocorrem no decurso de jornadas de

Vastamente documentada, foi agraciada com dois relevantes prêmios, a saber: Gradiva Book Award (da National Association for the Advancement of Pshychoanalis (EUA) e Prêmio Goethe (Alemanha).

12 Quanto a suposta opção ideológica liberal que teria sido a de Freud, remeto ao cuidadoso, aprofundado e meticuloso estudo biográfico de E. Roudinesco, no qual pode-se ler: "Embora não fosse adepto do marxismo, Freud recebeu com bons olhos a Revolução de Outubro [de 1917], que punha fim à participação dos russos na guerra, e, da mesma forma, apesar de não ser favorável ao sionismo, aprovou a declaração de Lord Balfour, que abria caminho para a criação de um lar nacional judeu na Palestina. Em novembro de 1917, estava tão pessimista que queria sonhar com dias melhores" (Roudenisco, 2016, p. 214).

13 https://casadopovo.org.br/clinica-aberta-de-psicanalise-2/

14 https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/a-proposta-singular-perifanalise/

15 Leia-se, em particular: Dejours, Chr. "A terceira tópica". Capítulo IV. In: *Primeiro, o corpo. Corpo biológico, corpo erótico e senso moral* [*Le corps, d'abord*, 2003). Tradução Vanise Dresch. Porto Alegre: Dublinense, 2019; Benoit, L.O. "A terceira margem do trabalho". São Paulo: DIEESE. Revista Ciências do Trabalho (RCT) n. 22, novembro de 2022.

16 Cf. "Entre o legado e a criação - Christophe Dejours" (Entrevista) In: *Jean Laplanche*. Revista Percurso (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae). Ano XXIX, Junho-Dezembro 2016, n. 56-57. http://revistapercurso.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1229&ori=entrev

trabalho são modos de *sofrimento psíquico* resultante da *confrontação dos trabalhadores com a organização do trabalho*. Tal sofrimento psíquico, contudo, ganha pujança afirmativa quando avança à *criatividade* no trabalho. Dejours encontra-se diante do que ele próprio nomeia "enigma do trabalho". Assim abre-se a possibilidade do trabalhador ou da trabalhadora vivenciarem sua *inteligência prática*, potencializando-a subjetivamente na construção da própria identidade, e promovendo ações que proporcionam *vivências de prazer*.

Aliás, destaque-se que, como Freud, Dejours se afasta de conclusões precipitadas, de cunho positivista e de teor "simplista", escrevendo: "Contrariamente ao que se poderia imaginar, a exploração do sofrimento pela organização do trabalho não cria doenças mentais específicas. Não existem psicoses de trabalho, nem neuroses do trabalho. [...] Apenas algumas intepretações simplistas atribuem à sociedade a causa de todas as doenças mentais [...] As descompensações psicóticas e neuróticas dependem, em última instância, da estrutura das personalidades, adquirida antes do engajamento na produção" (Dejours, 2015, p. 159).

Aportaremos agora – bem longe, mas tão próximo de nós – no belíssimo *Pele negra, máscaras brancas* (1952), obra escrita pelo médico psiquiatra, psicanalista e poeta Frantz Omar Fanon, que propõe teses de um "novo humanismo". Inspirando-se em Sigmund Freud e Jacques Lacan, cujos Seminários chegou a frequentar, Fanon ocupa lugar de destaque nas atuais teses antirracista. Para Fanon, são múltiplas as desigualdades que atravessam – *sem laço* com a Justiça social – os corpos e a subjetividade de pessoas de pele de cor negra. Em suas reflexões, o psicanalista martinicano sustenta que não se pode nem se deve pensar a desigualdade racial fora da relação negro-branco. O que o levou à criação de novo conceito psicanalítico, o da "epidermização da inferioridade" (Fanon, 2020).

Avancemos finalmente em direção ao principio raiz do *algo melhor* freudiano, renovado em outro feixe de questões psíquicas que são reveladas no atendimento psicanalítico no formato de Grupo. No Instituto A Casa, desde há mais de quarenta anos, inova-se profundamente o modo de atendimento psicanalítico, sobretudo direcionado a seres humanos acometidos por diversas intensidades psicóticas ou por neuroses, clinicamente desafiadoras. No Hospital-Dia da Instituto A Casa, inspirando-se, em parte no ideário teórico-clínico de psicanalistas argentinos, tais como Marie Langer, Leon Grinberg e Emilio Rodrigué (1976), os pacientes são atendidos no formato de Grupo, lado a lado, ao arquétipo freudiano clássico. Inovação raiz da psicanálise agora reinventada, o Grupo é formado, sobretudo, da perspectiva da Psicanálise. Em comentários precisos, a psicanalista argentina Beatriz Aguirre, uma das fundadoras do Instituto A Casa e exilada no Brasil desde os anos 1970, destaca alguns fundamentos que sustentam tal experiência inovadora do atendimento em Grupos:

> [...] nós usamos como teoria de compreensão da subjetividade a teoria psicanalítica; mas acho que estamos atravessados por uma serie de outros campos que não só o campo psicanalítico, em si, o "puro" campo psicanalítico. Nós achamos que a psicanálise está atravessada e incorpora o interesse pelo sócio-político-cultural. Assim teríamos um outro tipo de aproximação, não pensando o paciente como uma coisa separada da sociedade isolado dentro do consultório ou em instituições, afastado desse acontecer social. Tem uma série de autores que tratam dessa questão que nos marcaram como Foucault, Guatarri, Deleuze, Cannetti, e muitos outros que observaram, estudaram a história da loucura e o lugar que esta ocupava e ocupa na sociedade.[17]

****

Encerremos, por fim. O que foi *recalcado* ainda não se mostrou à plena luz do dia. Ensaiamos lhe dar voz neste escrito breve: eis tudo o que estava ao nosso alcance. Pois Justiça social e Psicanálise se enlaçam sempre em alguma borda do campo complexo da sua teoria e clínica – e de sua já secular existência.

Outros são convocados a estender mais o fio dessa busca do "nós" coletivo, aqui iniciada apenas.

17 https://acasa.com.br/fundadores/

Referências bibliográficas

BENOIT, L. O. (1999). *Sociologia comteana*: gênese e devir. São Paulo: Discurso/ FAPESP.

_____. (2022). "A terceira margem do trabalho". In: São Paulo: *DIEESE. Revista Ciências do Trabalho (RCT)* n. 22. Disponível em: https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/330/8.

BROIDE, J. (2005). "Prefácio". In: DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud*: psicanálise e justiça social – 1918-1938. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos.

DANTO, E. A. (2005). *As clínicas públicas de Freud*: psicanálise e justiça social – 1918- 1938. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos.

DEJOURS, C. (2015). *A loucura do trabalho: ensaio de psicopatologia do trabalho*. Tradução Ana I. Paraguay e Lúcia L. Ferreira. 6ª ed., São Paulo: Cortez.

_____. (2019). *Primeiro, o corpo*: corpo biológico, corpo erótico e senso moral [Le corps, d'abord, 2003]. Tradução Vanise Dresch. Porto Alegre: Dublinense.

IANNI, G.; TAVARES, P. H. (2019). "Sobre os fundamentos da clínica". In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica.

FANON, O. F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução R. Camargo e S. Nascimento. Prefácio de Grada Kilomba. Posfácio de Deivison Faustino. São Paulo: Ubu.

FREUD, S. (2016). "Caminhos da terapia psicanalítica (1919 [1918])". In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica. 2ª ed.,* trad. de Vera Dornbusch. São Paulo: Autêntica.

_____. (2010). "Caminhos da terapia psicanalítica [1919]". In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil* ["O homem dos lobos"], *Além do princípio do prazer e Outros Textos* [1917-1920]. Tradução e notas de Paulo César de Souza: São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2016). *Fundamentos da clínica psicanalítica. 2ª ed.,* trad. de Vera Dornbusch. São Paulo: Autêntica.

_____. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

KUPERMANN, D. (2010). "Via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica". In: Cadernos de *Psicanálise* (*CPRJ)*, Rio de Janeiro, ano. 32, n. 23.

LACAN, J. (2009). "Ato de fundação". In: *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2009). *O Seminário. Livro 1*: Os escritos técnicos de Freud *(1953-1954).* Texto estabelecido por J.A. Miller. Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar.

LANGER, M.; GRIBERG, L.; RODRIGUÉ, E. (1976). *Psicoterapia de Grupo. Enfoque psicanalítico*. Tradução Raffard Fleury e Mello Cardoso.[Psicoterapia del Grupo. Buenos Aires: Paídos, 1957]. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

LAPLANCHE; PONTALIS. (1998). *Vocabulário da Psicanálise* (*Vocabulaire de la Psychanalise*). 3ª ed., tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes.

ROUDINESCO, E. (2016) *Sigmund Freud*: na sua *época* e em nosso tempo. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.